

# Ana Luísa Amaral:

## «Tal como eu hoje tive de regar a minha roseirinha (...), da mesma maneira é preciso regar a liberdade!»

Ana Luísa Amaral transforma tudo em poesia: desde as cebolas da sua despensa ao amor que sente pela filha. É professora universitária, tradutora e a sua bagagem cultural, literária, política e social, a sua vontade de abrir as mentes, tem-na levado sempre a escrever. Muito. Falou-nos no dia 25 de abril, dia em que Portugal comemora a sua revolução dos cravos, o seu dia da liberdade. Numa colaboração entre o Centro Cultural do Camões, I.P. em Vigo e a Cátedra de José Saramago da Universidade de Vigo, visitar-nos-á na Galiza entre 16 e 18 de junho.

### Carla Amado

Responsável do Centro Cultural do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. em Vigo

#### –Porque deu ao seu novo livro o título de «What's in a name?»?

–A verdade é que pensei em chamar-lhe «O que há num nome?» ou «O que tem um nome?», mas é muito mais bonito «What's in a name?». Para mim, que sou Shakespeareana e que gosto muito de Shakespeare, é inevitável. Trata-se de dois versos de uma fala de Julieta logo a seguir àquela célebre frase dela: «Oh, Romeu, Romeu, porque tens tu de te chamar Romeu?». O facto de ele se chamar Romeu significa que ele é um Montéquio e, portanto, que é o inimigo, que pertence à família inimiga. E, depois, ela continua a falar e há aquele momento lindíssimo em que ela diz: «O que há num nome?», pergunta «What's in a name?» e depois diz: «Se fosse dado outro nome à rosa, seria menos doce o seu perfume?». A questão é que não há forma de sabermos isto. Se à rosa fosse dado outro nome que não rosa, não sabemos se o perfume da rosa seria igual ou não. Nunca saberemos.

O que é certo é que nós, seres humanos, precisamos de nomes. A utopia final seria não precisarmos de nomes e eu acho que a poesia se move também nesse desejo, no desejo da completude, no desejo da totalidade. A totalidade dispensaria nomes, de alguma forma, porque os nomes são sempre coisas imperfeitas, são sempre arbitrários. Portanto, a poesia dispensa-os. A poesia move-se e o desejo da poesia é mover-se numa outra esfera. Por outro lado, temos a certeza de que a própria poesia são palavras e sem as palavras, sem os nomes, ela nada era.

Acho, por isto, que é neste paradoxo irresolúvel que o livro se move. O poema que dá o título ao livro «What's in a name?» começa assim: «Pergunto: o que há num nome? De que espessura é feito se atendido, que guerras o amparam, paralelas? Linhagens, chãos servis, raças domadas por algumas sílabas, alicerces da história nas leis que se forjaram a fogo e labareda?». O que eu penso

é que, hoje em dia, alguém nos EUA ou em França ter o nome *Abdul* tem um peso diferente de alguém que se chama *Roquefort*, por exemplo. Ou alguém que se chamava *Heisenberg* no tempo do nazismo tinha um significado completamente diferente de alguém que se chamava *Eichmann*. Portanto, neste mundo em que vivemos, os nomes contam, sim. Na sua fala, a determinado momento, Julieta diz uma coisa muito bonita. Ela diz: «vou chamar-te só amor».

#### –Então significa que o livro recupera Julieta e Romeu como personagens inicialmente?

–Ai, não! Não, não. O livro usa só essa fala de Julieta como epígrafe e depois tem então um poema que se chama «What's in a name?» e outro que se chama «O que não há num nome», que é dedicado à minha filha. É um livro que trata tanto o quotidiano quanto o cósmico: tem um poema que se chama «Ondas gravitacionais», tem outro que fala de cebolas, novamente, aliás, as cebolas aparecem muitas vezes na minha poesia. (risos) Ou seja, o livro é tanto sobre o quotidiano quanto sobre o cósmico, tanto sobre o individual quanto sobre o coletivo. O poema que fecha o livro chama-se «Alepo, Calais, Lesbos». Há também um que se

### What's in a Name

Assírio & Alvim-PE  
ISBN: 9789723718836  
13,20 €

### Escuro

Assírio & Alvim-PE  
ISBN: 9789723717655  
12 €

### Inversos - Poesia 1990-2010

Dom Quixote  
ISBN: 9789722039826  
32,90 €

### Do branco ao negro

Sextante  
ISBN: 9789896761141  
17,60 €

chama «Mediterrâneo» e um outro que se chama «A Castanha».

#### –A sua poesia acaba por ser sempre também muito influenciada pela atualidade, não é?

–Eu acho que toda a poesia o é. Toda a poesia pertence ao tempo e simultaneamente aspira a atravessar tempo. Ela faz parte do tempo.

#### –Mas este seu envolvimento sempre a nível político e social, tem um bocadinho a ver com a sua personalidade, a sua forma de ser? Recordo-me que escrevia no site «esquerda.net».

–Sim, escrevia no jornal *Público*. O site «esquerda.net» normalmente o que fazia era publicar as coisas que já tinham saído no *Público*.

#### –E depois deixou de escrever?

–Não, não deixei de escrever, mas o que é certo é que, na altura do anterior governo, eu sentia mais necessidade de escrever. Escrevi imenso. Nesta altura não me parece tão necessário escrever. Acho que Portugal está muito mais apaziguado.

#### –Sem dúvida! É incrível como toda uma lógica política consegue operar uma mudança anímica tão rápida num país.

–É isso mesmo! Nós tivemos um chefe de governo que nos veio dizer que devíamos emigrar! Eu acho que as pessoas talvez nem se tenha apercebido da enormidade disto. Se toda a gente emigrasse Portugal era o quê? Era um pedaço de terra. Um país, uma nação, não é isso. Um pe-

daço de terra não tem pessoas, não tem povo, logo não é nada.

#### –Houve algo que confessou numa entrevista que me deixou a pensar... Dizia que um dos poemas da sua vida era o de William Blake, os «Augúrios da Inocência». Dizia que gostaria de ser capaz de fazer exatamente aquilo que se diz no poema: juntar o conhecimento mais puro poético à preocupação cívica. Ou seja, a sua escrita, de algum modo, tem sempre esta tentativa de ser um exemplo para as pessoas que a leem, que as pessoas tenham a possibilidade de problematizar enquanto leem?

–Eu quando escrevo um poema não tenho preocupação nenhuma, quando escrevo um poema escrevo-o para mim.

#### –Nunca escreve a pensar

#### em publicar, não é?

–Claro. Quando se escreve um poema não se está a pensar no impacto que ele vai ter nos outros, não se está a pensar no leitor. Quando se escreve um poema escreve-se sempre para si mesmo. Tenho um poema que fala exatamente disso, de que todo o poema é sobre aquele que escreve. Eu escrevo porque preciso de escrever, porque não sei viver sem escrever, como não sei viver sem respirar, sem comer...

#### –É uma necessidade básica...

–Exatamente. A escrita é uma necessidade. Quando ponho o poema cá fora, com certeza que existe a preocupação do leitor. É natural que eu, Ana Luísa Amaral, como ser humano português, cidadã, mulher, mãe, enfim, uma infinidade de coisas, vivendo nestes tempos, é natural que a minha poesia, de alguma



forma, mesmo que de uma forma desviada, reflita isso mesmo. Eu acho que a poesia é sempre esse filtro a que Fernando Pessoa chamou «fingimento», que não foi ele que inventou, a poesia sempre assim foi. Desde os primórdios que a poesia é isso. Ele diz: «um poeta é um fingidor», mas esse «fingimento» não começa no modernismo. O «fingimento» sempre esteve lá. Quando Shakespeare se transmuda em Viola (protagonista da peça «Noite de Reis») ou em Julieta, o que é isso se não «fingimento»? Mas, ainda assim, mesmo com esse filtro, com esse «fingimento» que lhe assiste, a poesia pertence sempre ao mundo e pode, na minha opinião, atravessar tempos. Costumo dar o exemplo do conhecido verso de Sá de Miranda «que farei quando tudo arde?». Este verso é de um soneto de amor e, ainda assim, é recuperado por Gastão Cruz nos

anos 60 para um livro intitulado «Que farei no outono quando tudo arde». O livro de Gestão Cruz é um livro político. Lobo Antunes também intitula um romance seu «Que farei quando tudo arde». Isto é a grandeza da poesia, intemporal, mesmo sendo do seu tempo. Sá de Miranda escreve um soneto de amor, mas, como sabemos, Sá de Miranda foi mal tratado na Corte. Portanto, é possível que esse arde, que esse fogo de que fala Sá de Miranda no poema, «que farei quando tudo arde», essa interrogação que ele coloca a si mesmo e ao fogo que o rodeia, não tenha só a ver com amor. Terá, provavelmente, também muito a ver com as políticas da época. O que acho extraordinário é como isso depois atravessa os tempos e é retomado. Quando lemos Camões: «Ah o amor... que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei porquê», todas pessoas

entendem e sentem estas palavras. Porque qualquer pessoa já se apaixonou e percebe perfeitamente aquilo que Camões quer dizer. Algo que foie scrito no século XVI.

Nos *Augúrios da inocência* Blake escreve assim: «*To see a World in a Grain of Sand And a Heaven in a Wild Flower, Hold Infinity in the palm of your hand And Eternity in an hour*» e os dois últimos versos são, para mim, extraordinários: «*Some are Born to sweet delight. Some are Born to sweet delight. Some are Born to endless Night*.» Isto foi válido no século XVIII e é válido hoje.

#### –Significa então que tem sido sempre influenciada pela literatura norte-americana, pela literatura inglesa e, claro, pela sua experiência também.

–Sim, eu acho que tudo me influencia, por tudo o que tenho

lido, pela experiência também. Por exemplo, no meu primeiro livro *Minha senhora de quê* escrevo a determinada altura: «As outras dividiam-sepor sótãos, eu movo-me em despensa com presunto e arroz, livros e detergentes.» Esta é uma referência a um livro de Susan Gilbert e de Susan Gubar que se chama *A Madwoman in the Attic*.

#### –A inspiração vem-lhe naturalmente, portanto. Também é o seu trabalho...

–Sim... Eu acho que tudo é poeável: tanto uma folhinha como uma cebola, a dor, a solidão, o amor, o medo. E nós vivemos momentos de muito medo nesta altura.

–Isso lembra-me uma questão que eu tinha... Num poema seu chamado «Europa», que faz parte do livro *Escuro* (publicado em Espanha, na editora *Olifante*), tinha uma visão da Europa em que já a via povoada por monstros (o livro é de 2014). Relacionando também com o dia que celebramos hoje, dia em que falamos, que é o 25 de abril de 1974, parece-me, daquilo que conheço da sua poesia, que é uma escritora que escreve com muita liberdade e que também preza muito a liberdade. Gostaria que partilhasse connosco um bocadinho dessa sua visão da atual Europa, dos seus novos contornos e acerca do que é para si a liberdade.

–Na minha ida recente ao Luxemburgo dei também uma entrevista a um jornal e a mesma foi intitulada assim com uma fala minha: «Tenho muito receio que a Europa possa entrar numa nova guerra». A verdade é que eu tenho, de facto, muito receio que a Europa, o mundo, possa entrar numa nova guerra. Já vivemos uma guerra económica, a pobreza é uma guerra, guerra não é só as pessoas ferirem-se umas às outras. A guerra da pobreza já a temos há muito tempo. Falo da outra guerra porque acho, sinceramente, que também isto está ligado. O meu trabalho nos Estudos Feministas, nos Estudos de género, faz-me perceber que tudo está relacionado. Que no Brasil permitam a um membro da Câmara dos Deputados, Jair Bolsonaro, dizer para outra deputada: «você é tão feia que nem merece ser violada» é aterrador. Quando eu digo que a problemática de género e das sexualidades está relacionada com a guerra é porque atitudes como esta são, simultaneamente infantis e masculinas. O mesmo se aplica quando Trump diz que tem «a mãe de todas as bombas» e o Putin, dias depois, diz «e nós temos o pai de todas as bombas». Há uma medição de forças, semelhante à dos rapazinhos na escola. E isto é tipicamente masculino. Mas, não estou a dizer que as mulheres são diferentes. A questão é que a sociedade e o pensamento patriarcal são partilhados. Não é uma coisa de homens. Não sou a favor das mulheres e contra os homens. Acho, sim, que os homens também são vítimas deste sistema patriarcal em que viemos. A geração do meu pai não pegava

numa criança ao colo, não dava a fralda a uma criança, não lhe dava banho, não saía com ela à rua. Tudo isso não era uma coisa máscula. A meu ver, isto representa uma perda para os homens, porque nós somos todos pele, nós, seres humanos, somos todos toque, carne. Portanto, temos as mesmas emoções e todos choramos, homens e mulheres!!

Quanto ao conceito de liberdade... Sem sobre de dúvida que nós temos de continuar a lutar pela liberdade todos os dias. Nenhuma conquista, nenhum direito, é inalienável, irreversível. Todas as conquistas são reversíveis, infelizmente... por isso é que, é necessário, tal como eu hoje tive de regar a minha roseirinha ali, porque se não ela morre, da mesma maneira é preciso regar a liberdade. As pessoas cada vez confiam menos na política, nas instituições e o que aconteceu com as eleições nos EUA, com o referendo na Inglaterra, o que talvez acontecerá agora em França... são a prova disso. Há um belo documentário que se chama «The Shock Doctrine», da Naomi Klein, que fala da ascensão do capitalismo. De facto, dá para adaptar ao que agora está a acontecer. O que ela diz e que Chomsky já tinha dito sobre a mudança de paradigma nos anos 70 nos EUA e no mundo, a desregulação da banca por completo, daquilo que Wittmann é o grande ideólogo é a ideia de que toda a economia pode ser liberalizada porque ela se autoregula. Ora isto não poderia ser mais mentira, o que temos neste momento é uma pequena camada dos muito, muito ricos, pornograficamente ricos, que não pagam impostos. Isto vai desaguar no que eu tinha dito sobre França: pôr as pessoas umas contra as outras. O imigrante é o inimigo, o estrangeiro é o inimigo, tal como foi no tempo de Hitler, mas agora de uma maneira completamente diferente. Imigrantes somos todos, a Europa foi, desde o seu início, povoada por povos.

#### –É verdade. O quanto cada país deve à emigração... Os emigrantes contribuem para que os países cresçam, o dinamismo intercultural, interlinguístico...

–Havia em Espanha, no tempo de Zapatero, um anúncio muito bonito em que aparecia um ucraniano, uma mulher asiática, um espanhol... e o slogan era: «Espanha está mais rica». Isto pode ser visto de duas maneiras: ou podemos dizer que Espanha perdeu a identidade ou que Espanha está mais rica porque é multicultural e o mesmo se aplica a qualquer outro país...

I Cátedra Internacional  
José Saramago

Universidade de Vigo



Poderá consultar o programa das apresentações da poetisa na Galiza em: [www.facebook.com/InstitutoCamosesVigo](http://www.facebook.com/InstitutoCamosesVigo)